

USO DA TÚNICA VAGINAL CANINA CONSERVADA EM SOLUÇÃO DE GLICERINA À 98% COMO CURATIVO BIOLÓGICO NO TRATAMENTO DE FERIDAS CUTÂNEAS PRODUZIDAS EM RATOS

CAMPOS, Jéssica Frayle¹, GOMES, Caroline Patricia¹, RAIS, Andressa de Cássia¹, GARCIA, Rafaela Bonfim Melo¹, BEZERRIL, Juliana Evangelista¹, LEAL, Leonardo Martins¹

¹Uningá-Centro Universitário.

Lesões de pele, principalmente as feridas traumáticas, são muito frequentes na rotina clínico-cirúrgica, portanto, constantemente vem sendo pesquisadas novas alternativas para o tratamento de feridas, com isso, o uso de membranas biológicas tem ganhado destaque por apresentarem um ótimo desempenho no processo de cicatrização. Deste modo, objetivou-se buscar uma nova alternativa no tratamento de feridas cutâneas traumáticas com o uso da túnica vaginal canina conservada em glicerina a 98% como curativo biológico em feridas cutâneas de ratos. As túnicas vaginais foram coletadas após orquiectomia em cães e permaneceram submersas em solução de glicerina a 98% durante 30 dias. Foram utilizados 16 ratos os quais foram eutanasiados em quatro momentos: três, sete, quatorze e vinte e um dia de pós-operatório para análises clínicas, macroscópicas e histológicas. Em cada rato, foram provocadas duas feridas de 1,0 x 1,0 cm na região dorsal, distantes uma da outra cerca de 1,0 cm, sendo uma cranial e a outra caudal. Uma ferida serviu de controle a qual não recebeu tratamento, a outra recebeu a túnica vaginal recobrimdo toda extensão da lesão. A seleção de qual das feridas, cranial ou caudal, iria receber a membrana foi feita de forma aleatória. Decorridos os dias previstos os animais foram eutanasiados. Removeu-se fragmentos de 1,0 x 1,0 cm do local implante/tecido e encaminhados para análise histopatológica. Nas análises clínicas não observou-se em nenhum momento conteúdo purulento. A partir do sétimo dia foi observado início da formação de crosta e tecido de granulação no grupo controle, enquanto que as membranas começaram a ressecar e se soltar da ferida em algumas regiões. No 2º dia, 12% dos animais apresentaram necrose nas bordas da membrana, e no 11º dia, 18% dos ratos removeram os pontos e a membrana de sua ferida. Também verificou-se que em ambos os grupos, controle e membrana, no 13º dia as bordas da ferida já estavam reparadas e no 17º dia a pele estava praticamente íntegra. No momento da eutanásia, macroscopicamente, foi possível constatar que as feridas craniais em todas as fases de ambos os grupos apresentaram uma maior aderência; a quantidade de crosta no grupo membrana foi maior que no controle; e em nenhum animal a membrana se aderiu a ferida.

Na avaliação histológica foi constatado a presença de grande infiltrado inflamatório nos períodos iniciais de 3 e 7 dias, no entanto, no grupo membrana foi observado uma presença de tecido conjuntivo e fibras de colágeno em maior quantidade do que no grupo controle. Após 14 dias do procedimento cirúrgico as feridas de ambos os grupos já apresentavam uma reposição da camada epidérmica com maior deposição de tecido conjuntivo, entretanto no grupo membrana assim como no G7 a deposição mostrou-se maior. Por fim, decorridos 21 dias de pós-operatório foi verificado que a epiderme já se encontrava cicatrizada tanto no grupo membrana quanto no grupo controle. A túnica vaginal canina como curativo biológico apresentou nas análises macroscópicas uma cicatrização muito semelhante ao grupo controle, no entanto, nas análises histológicas evidenciou-se uma maior deposição de colágeno e tecido conjuntivo, sugerindo assim uma cicatrização mais precoce deste grupo. Deste modo, concluiu-se que a túnica vaginal canina pode ser utilizada como uma nova alternativa no tratamento de feridas cutâneas, todavia estudos clínicos futuros deverão ser realizados.

Palavras-chave: cicatrização, cirurgia reconstrutiva, membrana biológica.

Agradecimentos: Uningá-Centro Universitário, CNPq.